

Resenhas

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. 2000. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade.* Rio de Janeiro : Jorge Zahar. 224pp.

Ana Luiza Fayet Sallas

Este livro de Norbert Elias apresenta aos seus leitores uma rara oportunidade de encontrar num estudo focado em uma pequena comunidade reflexões metodológicas e teóricas de amplo espectro para a pesquisa em ciências sociais.

Como o título assinala, trata-se de um estudo das relações de poder na comunidade de Winston Parva, próxima de Leicester – Inglaterra. Realizado no final dos anos 50 e início dos 60 pelo professor John L. Scotson, interessado em tratar do problema da delinquência juvenil naquela localidade, o estudo passou a ter outras perspectivas com Norbert Elias.

De um problema geral associado a altos índices de delinquência juvenil, os pesquisadores foram levados a refletir sobre questões que dizem respeito à própria sociedade. No centro de suas discussões estavam as relações de poder e de *status* no interior de uma comunidade. A investigação os levou a buscar explicar o porquê das diferenças de *status* e poder, enfrentando os desafios e limitações de um trabalho empírico num determinado microcosmo.

Para os leitores familiarizados com Norbert Elias, este trabalho possibilita a validação de seu modelo teórico – o modelo das configurações – em um estudo empírico, ao retomar os problemas levantados por ele em outras obras, como *O Processo Civilizador* e *A Sociedade de Corte*. Suas reflexões sobre o poder e a relação entre indivíduo e sociedade estão marcadas por essa perspectiva.

Elias considera que o campo de estudo da sociologia é o das configurações de seres humanos interdependentes. O conceito de configuração se refere a um padrão mutável criado na relação entre indivíduos em sociedade. Eles podem ser considerados como jogadores vistos pela totalidade de suas ações nas relações

que mantêm entre si, formando uma teia flexível de tensões. As configurações se formam necessariamente pela interdependência dos indivíduos em sociedade e podem ser marcadas por uma figuração de aliados ou de adversários.

As configurações de seres humanos interdependentes têm duas características fundamentais na obra de Elias: são modelos didáticos que devem ser interpretados como representações de seres humanos ligados uns aos outros no tempo e no espaço; e servem para romper com as polarizações clássicas dentro da sociologia, que tendem a pensar o 'indivíduo' e a 'sociedade' como formas antagônicas e diferentes.

Assim, na pequena Winston Parva, criou-se uma determinada figuração marcada pela existência de um grupo de moradores antigos da "aldeia" que se colocavam como pessoas de valor humano mais elevado que o dos moradores do "loteamento" construído em época mais recente e, por isso, estigmatizados pelos primeiros. Os estabelecidos contra os *outsiders*.

Da figuração estabelecidos-*outsiders*, Elias identifica uma constante universal: "o grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão" (:20).

Mais do que a identificação de um determinado modelo figuracional, este estudo apresenta dois aspectos de grande relevância para as ciências sociais. O primeiro está colocado pelo desafio da pesquisa empírica ao operar com algumas categorias analíticas tradicionais, como as das diferenças étnicas, de classe social e nacionais. Não havia em Winston Parva nenhum componente que levasse a esses diferenciais – longe disto, pois ali todos faziam parte do mesmo grupo étnico e nacional, sem diferenciais significativos em termos do tipo de ocupação, renda ou nível educacional.

E aqui está, no meu ponto de vista, um achado de Elias: pensamos constantemente a partir do foco das diferenças – sexo, cor, classe, nação – como diferenciais estruturais das relações de poder. Dificilmente chegamos a problematizar questões em que estão colocados os termos da igualdade, ou que o diferencial de poder possa estar associado, como é o caso deste estudo, ao tempo de residência naquele lugar e ao maior ou menor grau de coesão e organização de cada grupo inter-relacionado.

Decorrente disto, um segundo aspecto merece ser destacado, que é o da questão da anomia. O estudo de Winston Parva colocou para Elias a possibilidade de reflexão sobre a anomia quando observou que na relação de interdependência entre os estabelecidos e os *outsiders* havia

um elemento de constância pela existência de uma “minoría dos melhores” entre os estabelecidos – uma minoría nômica – e uma “minoría dos piores” entre os *outsiders* – minoría anômica – que marcava o *status* de superioridade e de inferioridade de ambos os grupos.

No entanto, para Elias, as tensões entre grupos “nômicos” *versus* “anômicos” revelam outra faceta sobre a própria maneira como as ciências sociais passam a tratar os problemas sociológicos. Estes foram concebidos dentro de uma longa tradição, que remonta a Durkheim, em que o conceito de anomia tinha um caráter descritivo no interior de uma hipótese explicativa em seu estudo sobre o suicídio. Fatores “nômicos” e de coesão grupal eram entendidos como fatores morais, e sua ausência desenhava um quadro de “anormalidade” e de condenação moral. Para Elias, “não há justificativa para considerar as investigações sociológicas do que se julga serem formas de ‘mau funcionamento’, ou como se diz, de ‘disfunção’, como um grupo distinto do que é formado por aquilo que se julga ‘funcionar bem’(...). Não se pode esperar encontrar explicações para o que se julga ‘ruim’, para um ‘mau funcionamento’ da sociedade, quando não se é capaz de explicar, ao mesmo tempo, aquilo que se avalia como ‘bom’, ‘normal’ ou ‘funcionando bem’, e vice-versa” (:180-1). O ponto de partida da própria pesquisa de Scotson e Elias revela esta recorrência, dado o fato de ela ter sido motivada pela existência de altos índices de delinqüência juvenil no loteamento de Winston Parva. A pesquisa de campo pôde colocar novas questões fazendo com que o foco do problema fosse redirecionado para as inter-relações existentes naquela comunidade.

Esse aspecto evidencia uma característica da sociologia de Elias, que é a de estar pronta para refletir criticamente sobre as categorias sociológicas que se apresentam de modo ‘naturalizado’, como se tratassem de realidades inevitáveis e eternas. O esforço de Elias está justamente situado na busca de conceitos eficazes para traduzir o movimento constante e processual dos indivíduos em sociedade, como é o apresentado por seu modelo figuracional e em sua forma particular de pensar nas relações de poder.

O poder, como tantos outros conceitos, apresenta-se freqüentemente ligado a um lugar, a um atributo específico de quem o detêm – pelo controle material de objetos, de coisas e pessoas. Nestes termos, o poder é algo fixo, estático. Elias destaca a necessidade de pensarmos nos “aspectos figuracionais dos diferenciais de poder que se devem puramente a diferenciais no grau de organização dos seres humanos implicados”(:21). Nele, o conceito de poder deixou de ser uma substância para se transformar numa relação entre duas ou mais pessoas e objetos naturais; assim, o poder é um atributo destas relações que se mantêm num equilíbrio instável de forças. O

poder ocorre no interior das figurações em que “os grupos estabelecidos vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado; os grupos *outsiders*, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana” (:28). Estigma, evitações e o “medo do contágio” reforçam o tabu imputado aos *outsiders*, que não dispõem de nenhuma possibilidade de revidar o grupo estabelecido com os mesmos termos depreciativos que recebem como “desordeiros das leis e normas” e “sujos”. Nesse quadro, a delinquência juvenil passa a ser uma manifestação reativa dos jovens do “loteamento” frente ao sentimento de exclusão e coerção por parte dos estabelecidos. Delinquência e atos de vandalismo passam a ser a forma particular que alguns jovens do “loteamento” encontraram para manifestar o sentimento de inferioridade social largamente enraizado desde a sua infância, no interior de suas famílias e nas inter-relações com as outras crianças de sua comunidade.

Finalmente, há que se destacar também nesta obra a constância do autor ao tematizar as relações entre indivíduo e sociedade. Desenvolvida de modo especial nas obras *Mozart e A Sociedade dos Indivíduos*, Elias novamente retoma a crítica às teorias atomísticas e holísticas que tendem ora a imaginar a existência de indivíduos isolados como adultos que nunca foram crianças, ora a imaginar um ‘todo social’, uma ‘realidade última’ pairando acima de todos os seres humanos. Para Elias, o ponto de partida de toda pesquisa sociológica é o de uma pluralidade de indivíduos que são de alguma maneira interdependentes. A existência das configurações é irredutível a qualquer um dos termos desta relação.

Considero que este livro pode iluminar algumas pesquisas que tratam de questões como a da sociabilidade juvenil e da violência, justamente por apontar um outro caminho, um outro olhar para dados estatísticos e quantitativos já consolidados, que pouco esclarecem esta pluralidade de seres humanos e a complexidade de suas interdependências. Isto até mesmo, e principalmente, no horizonte da sociedade brasileira, em que o problema associado à delinquência parece ter praticamente assumido a face triste e rebelde de jovens bandidos.

Ana Luiza Fayet Sallas. Doutora em História,
professora do Departamento de Ciências Sociais e
pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (UFPR).